



## **EU BRINCO, TUA BRINCAS E AS CRIANÇAS ESPECIAIS TAMBÉM BRINCAM: UM ESTUDO SOBRE UMA CRIANÇA COM PARALISIA CEREBRAL**

**RODRIGUES, Nilza Zurchimitem<sup>1</sup>; WURDIG, Rogério Costa<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Pós-Graduanda em Educação - Educação Infantil – FAE/UFPEl (zizazr@hotmail.com)

<sup>2</sup> Prof. Orientador – FaE/UFPEl (rocwurdig@hotmail.com)

### **Introdução**

Brincar

Brincar é gostoso

Brincando a gente aprende muitas coisas também.

Por exemplo, brincando a gente aprende a brincar!

A gente pode brincar pulando, correndo e até sentado.

A gente pode brincar com um anel ou com uma pedrinha no chão.

E com outras coisas mais.

Usando a cabeça a gente pode inventar uma brincadeira.

Usando as mãos a gente pode construir um brinquedo.

E usando os pés - o que a gente pode fazer? E as palavras? Será que a gente pode brincar com elas?

Eu brinco, você brinca, as galinhas brincam, as minhocas brincam...?...bem as minhocas, eu não sei se brincam, mas devem brincar, sim, do jeito delas.

Luiz Camargo

Este estudo tem como objetivo compreender o brincar de uma criança com paralisia cerebral<sup>3</sup> no âmbito familiar. O interesse pela temática surgiu da minha experiência como mãe de uma criança especial, de uma menina especial. Esta experiência trouxe inúmeras indagações, mobilizou toda a família, fazendo com que nos informássemos e procurássemos alternativas para melhor cuidá-la e educá-la.

---

<sup>3</sup>Paralisia cerebral é a lesão de alguma(s) parte(s) do cérebro por falta de oxigenação ou por uma falha no processo de amadurecimento do próprio cérebro em fase de formação. Isto pode ocorrer durante a gestação, no parto ou no momento do nascimento da criança.

Apesar da dedicação e do nosso amor incondicional, desconhecíamos o que estávamos vivendo, além de sermos rodeados de certos preconceitos, embora bastante velados. Diante deste contexto e das diversas orientações terapêuticas, percebemos que as atividades lúdicas, isto é, nossas brincadeiras, poderiam estimular e favorecer o seu desenvolvimento.

A experiência como mãe, o aprendizado com diversos profissionais da Fisioterapia, da Psicopedagogia e da Terapia Ocupacional e os estudos que tenho desenvolvido acerca da temática têm me possibilitado remexer nas memórias, problematizar as dificuldades, rever conceitos e preconceitos para compreender a importância do brincar na vida das crianças com paralisia cerebral. Além disso, espero que este estudo possa ajudar outros pais e os profissionais que trabalham com as crianças especiais.

Mas o que é brincar? Falar em brincar ou em brincadeiras é falar de emoções, de interações dos corpos envolvidos no ato em si, ou porque não dizer, só de um corpo, sim, porque podemos brincar tanto acompanhado como sozinho. Segundo Verden-Zöllner (2004, pg. 139) brincar...

é uma atividade que realizamos sem objetivos, mesmo que por outro lado tenha um propósito. E com frequência realizamos de modo espontâneo, tanto na infância como na vida adulta, quando fazemos o que fazemos atendendo - em nosso emocionar-se - ao fazer e não às suas conseqüências”.

Na vida cotidiana os adultos vivem em busca de realizações futuras, tanto no campo emocional como profissional, esquecendo, muitas vezes, das emoções que não possuem uma intencionalidade, ou seja, esquecem que podem e tem direito de brincar com os outros adultos e com as crianças, especialmente seus filhos. Assim, acabam por ignorar a criança “adormecida” que existe dentro de si, que lhe faz constantemente um convite, dizendo-lhe “estou aqui, vamos brincar um pouco!” (PETERSON, 2001, pg. 06)”.

Os adultos deixam de lado esta chamada porque acreditam que o brincar ou a brincadeira descomprometida e sem fins pré-determinados é coisa de criança, de um passado que está longe do nosso presente onde já existe este pré-estabelecimento de que a fase adulta é o grande momento da vida humana. Nessa perspectiva a infância é apenas um período de preparação e treinamento para um futuro produtivo e promissor, mesmo que para isso tenhamos que roubar uma grande parte de nossas infâncias (PETERSON, 2001).

“Parece que a criança, longe de saber brincar, deve aprender a brincar, e que as brincadeiras de bebês entre a mãe e a criança são indiscutivelmente um dos lugares essenciais dessa aprendizagem” (BROUGÈRE, 2002, p.22). Quando existe esta interação materna com a criança, ou seja, esta fusão do brincar e do emocionar, tanto com a mãe como com outros membros da

comunidade na qual vive, pode ampliar-se o repertório de experiências lúdicas das crianças. “Brincar é igualmente importante para a criança com paralisia cerebral” (FINNIE, s/d, p.265). Em funções de suas limitações, ela precisa ser encorajada para aprender a brincar. Assim ela pode tomar consciência de si mesmo, aprender em relação aos outros e compreender como funciona o mundo na qual está inserida. O brincar é um dos elementos fundamentais na estruturação da vida das crianças especiais e isso requer cumplicidade e parceria dos pais.

### **Metodologia**

Para realizar este estudo direcionado ao brincar e as crianças portadoras de paralisia cerebral, estou utilizando como ferramenta principal as memórias, as lembranças e os registros da minha história e da história da minha filha. Contudo, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p.55).

Pretendo trazer à tona às lembranças de um passado que está arquivado dentro de minha essência como ser humano, especialmente de mãe de uma filha especial. Para que ocorra este reportamento é preciso ter uma noção bem desenvolvida sobre a lembrança em si. Para Halbwachs (apud Bosi, 1994, p.56),

a reconstrução do passado é como refazer a leitura de um livro, pelo adulto, que já o leu, quando criança ou jovem. A impressão inicial é de um reencontro com o frescor da primeira leitura. Mas na realidade já não lembramos mais com clareza de todos seus pormenores. Ao adentrarmos para relembra alguns fenômenos que nos deram emoções quando lidos pela primeira vez e, devido às circunstâncias atuais, não se darão mais com as mesmas emoções.

### **Conclusões possíveis**

Como este estudo ainda está sendo realizando, busco, através da teorização do brincar e da análise das memórias, encontrar ferramentas e caminhos para compreender o brincar na vida das crianças com paralisia cerebral. A partir desta compreensão, vislumbro modificar e reestruturar as formas variadas do brinquedo e do brincar entre as crianças especiais, bem como dividir e repassar para pais e profissionais o quão profundo e importante é a brincadeira na vida de todas as crianças.

### **Referências bibliográficas**

BOSI, Ecléa. **Memórias e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KSHIMOTO, T. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

FINNIE, Nance. **O manuseio em casa da criança com paralisia cerebral**. São Paulo: Manole, s/d.

VERDEN-ZÖLLER, G. O brincar na relação materno-infantil. In: MATURANA, M; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Polar Athena, 2004.

PETERSON, Susana. Brincar é Preciso, Pelotas, ESEF/UFPEL, 2001 (monografia de especialização)